

## Organização da Informação e Terminologia: a abordagem onomasiológica

*Information organization and terminology: the onomasiological approach*

por [Hagar Espanha Gomes](#) e [Maria Luiza de Almeida Campos](#) e [Ludmila dos Santos Guimarães](#)

**Resumo:** A Terminologia vista como uma área de estudo possui ferramental teórico e metodológico que pode auxiliar as práticas informacionais, no que concerne principalmente as atividades de organização, representação e recuperação da informação. Ressaltam-se as várias escolas de terminologia e os seus princípios subjacentes discutindo as abordagens metodológicas, com ênfase na abordagem onomasiológica onde o conceito é o ponto de partida; apresenta-se também a abordagem semasiológica que parte das palavras e de seus diversos significados. Nesta linha argumentativa considera-se que ambas as abordagens são de fundamental importância e podem mesmo ser consideradas complementares para o controle terminológico e a elaboração de instrumentos sistemáticos de tratamento e recuperação, ressaltando-se os propósitos e objetivos do serviço ou atividade a realizar.

**Palavras-chave:** Terminologia, Organização da informação, Abordagem onomasiológica, Abordagem semasiológica.

**Abstract:** Terminology as a field of study has theoretical and methodological foundation which can support information practices, mainly in respect to information organization, representation and retrieval activities. Some schools of terminology, their basic principles and methodological approaches are presented, such as onomasiological (concept is the starting point) and semasiological (word and its meanings is the starting point). These two approaches are fundamental and can be seen as complementary ones for terminology control and for the construction of systematic tools for information treatment and retrieval, considering purposes and goals of the activities or services aimed at.

**Keywords:** Terminology; Information organization; Onomasiological approach; Semasiological approach.

### As práticas informacionais e a questão terminológica

A compreensão da organização da informação enquanto termo da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação prescinde em tempos pós-modernos de um necessário recuo, dado que o crescimento das chamadas *inter e transdisciplinaridades* afetaram a face da organização da ciência, tal como eram tratadas tradicionalmente.

Também, neste sentido, a alcunha organização da informação como possível campo de conhecimento ou área de estudo científico implica aprofundamentos teórico-metodológicos afins com seu objeto de estudo – a informação designada como forma, unidade de conhecimento da ciência e suas relações como ferramenta de trabalho. Do ponto de vista da *multivalência* do termo Organização da Informação é inquestionável a multiplicidade de significados, tal como a *politicidade* da informação, que lhe podem ser atribuído nos diferentes campos/áreas de estudo científico.

Entretanto, no contexto da biblioteconomia e ciência da informação, BCI é que nos interessa o significado mais indicado e preciso, ou seja, a sua definição e conceituação em relação ao contexto e funcionalidade, duas acepções fundamentais e “premissas” de [Ranganathan](#) para a organização do universo complexo das ideias – o plano da ideia. Pensar o campo da Organização da Informação pode implicar então, a percepção de faces e espectros fundamentais do contexto e funcionalidade do *objeto-informação*, ou ainda, da informação sob determinado contexto e funcionalidade. Ou seja, e mais precisamente, perceber, observar e descrever como funciona a informação, suas formas, padrões e estrutura no e para o campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

É elucidando a informação no âmbito da Organização da Informação - no contexto da Biblioteconomia e Ciência da Informação que se poderá atribuir-lhe um sentido indicado e preciso, o quê não significa desconsiderar as diferentes acepções e aplicações que lhe são atribuídas e outros contextos/universos. Historicamente, parece-nos relevante recuperar o sentido, mais precisamente a relação da atual Organização da informação com a Organização do conhecimento. Desde os antigos filósofos, a busca por estabelecer ou chegar a uma concepção de mundo, uma leitura própria do mundo, da vida, das coisas, ou mesmo, do sentido da natureza, do homem e das coisas, implicava em por meio do conhecimento organizar e sistematizar percepções da realidade. A Organização do conhecimento desde Aristóteles experimentou

sucessivas formas de ordenação e classificação; estas influenciadas pelo contexto (*tempo e forma*). Assim tanto a evolução do conhecimento, dos artefatos e engenhocas humanas produziram valores e especificidades de uso/aplicação até chegarmos ao recorte informação.

O surgimento na literatura do termo informação de forma abundante parece coincidir com o advento da *Informática* na antiga União Soviética (Mikhailov. apud [Vickery](#), 1970) ou com a era da revolução tecnológica, ou mesmo com o *informacionalismo* ([Castells](#), 1999). Para [Smith & Tálamo](#) (2007), em decorrência do período pós 2ª. Guerra Mundial, ocorre a explosão informacional. Assim, a informação nasce em um contexto tecnológico, da necessidade de organização e tratamento para recuperação automatizada e otimizada. Neste sentido, o contexto e a funcionalidade apontam para o que vem se constituindo a Organização da Informação e seus espectros.

Nossa abordagem encaminha-se para o reconhecimento de que a organização da informação carrega consigo as faces de tratamento e recuperação da informação automática, de forma intrínseca. A despeito das tantas acepções, relações, correlações e diversas aplicações do termo organização da informação em outros campos é na Biblioteconomia e Ciência da Informação que ele evoca especificidades de descrição e tratamento, bases de dados, bem como um entorno necessário, pretendido e suficiente aos seus propósitos.

Composto, visto por diferentes espectros (*podem ser facetas*) pode-se compreender a organização da informação em função de seus padrões, estruturas e formas, as quais do ponto de vista do método permitem captar aquilo que se repete, captar estas ocorrências (de forma frequente e determinada), constituindo-se em invariantes na Organização da Informação. Chamamos estes espectros de Operações, Processos, Técnicas, Instrumentos, Medidas e Propriedades ligados ao objeto informação. Como Categoria, a matéria informação manifesta-se em diversas facetas dentre as quais nos interessa analisar particularmente os instrumentos (*linguagens*) de busca e recuperação da informação.

A ligação da terminologia com a atividade documentária é complexa. O que existe, concretamente, é o vocabulário controlado, em sua forma mais simples, e o tesouro. Os livros, manuais e normas sobre o assunto reforçam, no primeiro caso, aspectos linguísticos <sup>1</sup> e, no segundo caso, a ênfase nas relações entre os termos. Mas, qual a natureza do termo e suas implicações na indexação e na recuperação, seja em meios convencionais seja na automatização dos processos de indexação? Esta terminologia não prescinde da precisão e da consistência. Isto, por sua vez, não significa abrir mão da riqueza da língua, ou seja, não há necessidade de abandonar as variantes gráficas, verbais ou outras, as quais podem ser devidamente processadas pelos softwares, sem detrimento do tratamento sistemático.

Sem focalizar aspectos teóricos, o problema '*terminológico*' esteve implícito desde as primeiras tentativas de organização da informação, no final do século XIX, seja nos catálogos alfabéticos por classes (então em voga na Inglaterra), seja nos catálogos alfabéticos de entrada direta, sistematizados por [Charles Ammi Cutter](#), nos Estados Unidos. É bem verdade que características da língua inglesa foram preponderantes na criação de cabeçalhos de assunto – princípio que ainda persiste - como se pode observar nas propostas de inversões de vocábulos, no caso de expressões verbais, para reunir assuntos no catálogo, através de cabeçalhos que, em sua forma direta, os dispersariam. Além do controle do vocabulário, as listas de assunto incorporaram elementos sindéticos, que, implicitamente, associavam tópicos. Assim, em ambos os casos, princípios de organização/sistematização estiveram presentes até mesmo nas ferramentas semânticas de ordenação alfabética, embora ainda rudimentares; provavelmente, isso seria feito de modo 'inconsciente', uma vez que Cutter não aceitava catálogos classificados, que seriam muito artificiais para o leitor comum (*no que não estava enganado*).

O grande impulso das pesquisas técnico-científicas na primeira metade do século XX levou engenheiros a desenvolverem diferentes técnicas de organização da informação/ recuperação, que privilegiavam o vocábulo, como no caso do *Unitermo* e nos primeiros tesouros, em que a unidade era a palavra única, fosse ela substantivo ou adjetivo. No entanto, a recuperação falsa era grande quando se combinavam as palavras na busca (*substantivo + substantivo; substantivo + adjetivo*); assim pré-coordenação de palavras no vocabulário de indexação traria maior precisão na recuperação. Mas não estava claro, ainda, o que significava esta 'pré-coordenação', já que, em alguns casos o grupo de palavras representava o conceito e, em outros, o assunto.

De fato, a expressão então utilizada – ‘*concept coordination*’ – revela, a nosso ver, um certo entendimento a respeito da passagem do aspecto linguístico para o terminológico ([Gilchrist](#), 1971, p. 8).

Kwic, [Key Word In Context](#), e técnicas derivadas podem ser apontadas como medidas para eliminar imprecisão nos significados na linguagem natural, uma vez que os vocábulos não estariam mais isolados, mas contextualizados no título, elemento privilegiado para representar o assunto de um dado documento. Essas técnicas exógenas estão hoje incorporadas na atividade documentária, com todos os inconvenientes que isso apresenta.

Igualmente, tabelas de classificação bibliográfica/bibliotecária, tesouros e assemelhados têm sido considerados instrumentos para as práticas de organização da informação e do conhecimento. O aspecto estrutural, como um modo de organização sistêmica, passa a receber atenção na elaboração de tesouros, mas não há discussão, sobre o ‘termo/palavra técnica/palavra especializada’, genericamente falando <sup>2</sup> Também chamado de ‘descriptor’ <sup>3</sup> tal unidade de representação se refere a palavras ou expressões próprias de uma dada área de conhecimento sem aprofundamento acerca de sua natureza ou de questões teóricas relativas a termo/ conceito e sua natureza sistemática. ([Aitchison](#), 2000; [Soergel](#), 1974).

No entanto, este aspecto é de relevância central entre grandes teóricos da terminologia ([Lotte](#), 1981; [Drozd](#) 1970; 1975 ; [Kandelaki](#) 1981)

Existiria uma terminologia útil para as ações de organização da informação? Qual conjunto de princípios se ajustaria aos propósitos de uma organização de informação? O ponto de partida, a nosso ver, é o termo, entendido aqui como palavra ou grupo de palavras que denotam um conceito.

Conceitos parecem ser, agora, as unidades que melhor representam – ainda que parcialmente – conteúdos dos documentos. Dizemos ‘parcialmente’ devido à ausência de relações explícitas entre os termos na indexação, espaço para a representação de assuntos.

Conceito e terminologia andam próximos. O termo denota o conceito. E este se estabelece em relação a outros, formando um sistema. É preciso, portanto, adotar princípios de terminologia – no âmbito da organização da informação - que garantam igualmente, sua sistematização, fundamental para orientar o indexador e, ainda, tendo em vista seu potencial em procedimentos automatizados de recuperação, sem descuidar de questões ligadas à natureza linguística do termo. Linguistas e não linguistas têm pesquisado sobre terminologia e conceito, cada qual com objetivos específicos. Aqui são comentados alguns estudos, que, a nosso ver, responderiam às necessidades de indexação em processos convencionais, mas, ainda, com vistas aos requisitos da Web semântica. E o foco da questão não é o termo, ou seja, a produção de uma lista, mas a construção de uma ferramenta semântica, na qual o termo é o término.

### **Terminologia como área de estudo**

Vale abordar o tema, inicialmente, para depois refletir sobre suas implicações na organização da informação. Começando pelo princípio, temos Eugen Bernhard Casper Wüster , engenheiro austríaco preocupado com as relações internacionais no comércio e a necessidade de estabelecer terminologia padronizada para facilitar o intercâmbio internacional, desenvolvendo, então a *Teoria Geral da Terminologia*, que ele definiu como um campo interdisciplinar da linguística, lógica, ontologia, ciência da informação e áreas especializadas ([Wüster](#), 1974 [1981]).

Seu objetivo principal foi o de garantir comunicação precisa nas trocas internacionais. Sua Teoria se fundamenta a partir deste objetivo e é nesta ótica que se deve entender sua proposta. Nesta perspectiva reforça [Felber](#) ( 1984, p.15) que a proposta de Wüster “*contém uma detalhada investigação da terminologia como ferramenta da comunicação, de acordo com a natureza do conceito, a relação de conceitos, a descrição dos conceitos (definição), a formação de termos, a normalização de conceitos e termos, a internacionalização de conceitos e termos.*” ([Felber](#), idem ibidem)

Influenciado por Frege ([Nedobity](#) 1987), Wüster cria um novo campo de estudos e pesquisas chamado *Terminologielehre*, ou Ciência da Terminologia (*o vocábulo Ciência em nossa cultura nem sempre é bem-vindo em alguns casos*) e a introdução de conceito como unidade de construção de terminologias. E traz a lógica e a sistemática para a organização dos conceitos. Na abordagem metodológica proposta por ele ([Wüster](#), 1974 [1981]) o conceito é o ponto de partida .Sua abordagem é *onomasiológica*. Nesta, os termos são tomados com um significado próprio, dado pela área de assunto objeto da *terminologização*, pois a proposta de Wuester era de estabelecer uma teoria que permitisse a nomeação dos referentes a partir de seu

conceito, diferentemente da abordagem *semasiológica*, que toma como ponto de partida a palavra, com seus vários significados.

No entanto, o conceito de '*conceito*' apresentado por ele mereceria discussão, o que faz [Smith e colegas](#) [2005], numa abordagem filosófica, com cuja crítica em geral estamos de acordo. Importante na proposta de Wüster, não é demais enfatizar, é o reconhecimento da natureza sistemática dos conceitos que se configura em relações lógicas (*em que o princípio da identidade se apresenta*) e ônticas (*relações espaço-temporais entre objetos*). Assim, na pesquisa terminológica estudam-se os conceitos enquanto parte de um sistema de conceitos. Qualquer alteração no conteúdo de um conceito, refletido na definição, altera os demais conteúdos e, portanto, as respectivas definições.

Sua Teoria estava voltada para a normalização de conceitos e termos nas áreas de ciência e tecnologia. Daí haver estranheza por vezes quanto à denominação Teoria Geral da Terminologia, como se ela pudesse ser válida para outras áreas do conhecimento. Ele defende princípios gerais, reconhecendo especificidades em diferentes áreas. Adotando-se uma postura *onomasiológica*, entendemos que escolheu um nome para sua Terminologia, o que não impede que se criem outras teorias com outras denominações para atender especificidades de outras áreas. O diálogo Alice e Humpty Dumpty <sup>4</sup> pode ser utilizado para ilustrar este argumento.

Na crítica à *Teoria Geral da Terminologia* não se pode perder de vista os objetivos e o âmbito de sua aplicação, voltados para a área tecnológica, cujos princípios não se ajustam às Humanidades e às Ciências Sociais. Estas áreas, pela natureza do conhecimento que ali se produz, têm questões muito particulares, requerendo outras abordagens. A iniciativa de Wüster levou à criação de Escolas de Terminologia, reconhecidas como tais: a Escola de Terminologia de Viena, que deu origem ao Comitê de Terminologia da *International Standardization Organization*: Viena é, ainda hoje, grande centro de referência para a Terminologia, abrigando a sede do Infoterm, [International Information Centre for Terminology](#), organização não governamental criada por iniciativa da [UNESCO](#), *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*, com o objetivo de apoiar e coordenar a cooperação internacional na área atuando como centro de referência <sup>5</sup>. As áreas de investigação focalizam a natureza de conceitos/ a criação de conceitos/ as características de conceitos, os relacionamentos entre conceitos, a ligação de conceitos, a construção de sistemas de conceitos, a descrição de conceitos (*definição*), a atribuição de designações (*símbolos, termos*) a conceitos, os relacionamentos: objeto individual – conceito, designação, natureza dos termos, estrutura dos termos, formação dos termos, a unificação de conceitos e termos, chave para a terminologia internacional, métodos de lexicografia terminológica, e assemelhados ([Felber](#) 1979; 1984).

Sob influência do [Círculo Lingüístico de Praga](#) surgiu a Escola de Terminologia, sob bases da lingüística funcional. Felber acredita que a visão estrutural da lingüística funcional possibilitou aos pesquisadores compreender as teorias de Wüster: "*Eles incluem a relação entre linguagem-pensamento-realidade em suas teorias. A linguagem da ciência, isto é, uma linguagem especial, uma linguagem para propósitos especiais, é uma linguagem funcional A menor unidade d linguagem funcional é o termo. O sistema terminológico é um sistema de designações que representa um sistema de conceitos*" ([Felber](#) 1984).

Ainda segundo Felber, a atividade prática desta Escola tem 4 aspectos que indicam estreito relacionamento entre a teoria geral da terminologia e os ensinamentos da *Escola de Terminologia de Praga*: Análise de textos científicos e técnicos; Aplicação de metodologia da cultura da língua (intervenção consciente); Aplicação de princípios de denominação incluindo a teoria de formação de palavras, e Aplicação de princípios lógicos para a classificação de conceitos e termos. Drozd, um dos maiores representantes desta Escola, ([Drozd](#), 1970) aponta para uma Teoria da Terminologia Especializada (*voltada para áreas especializadas*) como uma parte constitutiva da Teoria Geral da Terminologia, cujos princípios deveriam atender a uma realidade objetiva de uma dada língua, mas aplicáveis igualmente a outra língua 'desde que o mesmo fato ou fato semelhante exista em outra língua'. É uma Escola inspirada nos estudos de lingüística funcional, que se ocupa dos aspectos estruturais e funcionais da língua. Em relação a diretrizes para a normalização Drozd critica a norma de Terminologia (ISO TC-37 704) por não considerar diferenças lingüísticas essenciais, por exemplo, "*as diferenças entre línguas analíticas e sintéticas*" <sup>6</sup> ([Drozd](#), 1970)

A Terceira Escola de Terminologia mais importante surge na extinta União Soviética, onde foi grande o



desenvolvimento de estudos em terminologia talvez pelo Estado ter assumido a responsabilidade pela normalização terminológica. Esta Escola teve igualmente influência Saussuriana, ao estabelecer vínculo entre conceito e termo (*não considerado por Wüster*). Ali, os engenheiros assumiram os estudos e pesquisas terminológicas nos domínios técnico-científicos. A normalização se impunha no estabelecimento de princípios para a neomínia e, como consequência, para permitir melhor comunicação entre as diversas Repúblicas que dela faziam parte. Provavelmente esta forte atuação do Estado contribuiu para potencializar a recuperação automática nos serviços de informação. Nesta Escola ambas as abordagens – semasiológica e *onomasiológica* – são vistas como complementares ([Kandelaki](#), 1970 [1981]).

[Lotte](#) (1961 [1981]) é um dos principais pesquisadores desta Escola e deixa claro, em um extenso estudo, a presença das categorias conceituais na formação de termos técnicos; mas dá, igualmente, atenção aos aspectos linguísticos na formação de termos, com vistas à redução de elementos na designação. [Kandelaki](#) (1970 [1981]) estuda também a formação do termo, a noção do termo como objeto de estudo linguístico as noções relacionadas aos termos da ciência, aspectos linguísticos do termo, mas não descarta do aspecto sistemático da terminologia e propõe nove categorias para as terminologias técnico-científicas, assumindo, com isso, o aspecto sistemático nas terminologias.

Entre as Escolas acima existem, no entanto, pontos comuns como o conceito, o termo, o relacionamento conceito/termo, o conceito e o sistema de conceitos.<sup>7</sup> O que estas escolas têm em comum, também, é a incorporação de princípios da lógica, a visão sistemática dos conceitos, embora com diferentes abordagens para o tratamento dos conceitos e termos. São voltadas para questões que engenheiros e profissionais de áreas tecnológicas precisam resolver. Isto pode ser confirmado pelos encontros europeus anuais sobre Terminologia e Engenharia do Conhecimento. Vários países têm centros de estudos terminológicos, em especial aqueles em que mais de uma língua está presente, valendo ressaltar Canadá, Espanha e União Russa visando, em particular, as atividades de tradução. Este tem sido um espaço que favorece os estudos de base linguística e formação de tradutores, sem aprofundamento, entretanto, dos princípios de sistematização, fundamentais para a área da Ciência da Informação.

Importante contribuição à sistematização dos conceitos é a proposta de [Ingetraut Dahlberg](#) (1978 a; 1978 b; 1983). Sua [Teoria do Conceito](#) coloca ênfase na classificação, com base nas categorias filosóficas e na teoria da classificação, aspectos que se aproximam das necessidades da atividade documentária; estabelece a relação conceito/termo, iniciando a análise do conceito a partir de ideias presentes num discurso de um dado domínio; reconhece a natureza sistêmica dos conceitos, enfatiza os aspectos lógicos e ônticos no relacionamento entre conceitos, e defende, inclusive, a validade do método para as Ciências Sociais. Segundo sua Teoria, as soluções para o termo e sua forma não são mais o ponto de partida, mas o ponto de chegada. Segundo a autora “o estabelecimento de uma equivalência entre o termo (*o definiendum*) e as características necessárias de um referente de um conceito (o definiens), como o propósito de delimitar o uso do termo em um discurso” ([Dahlberg](#), 1978 a) resulta na definição deste conceito dentro de um sistema. Assim, a definição não é mais colocada em segundo plano, como um recurso auxiliar para minimizar dúvidas que, por acaso, possam vir a ocorrer no uso do termo.

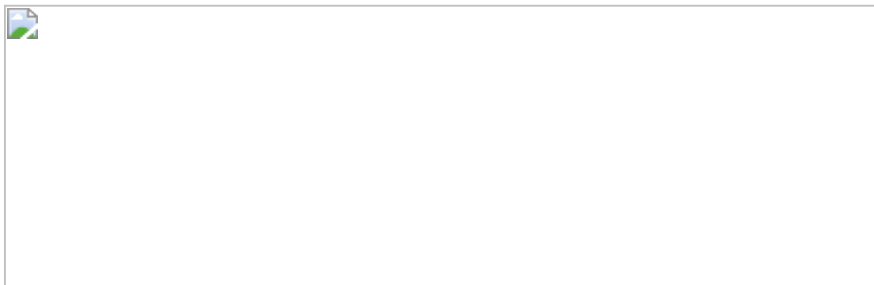
A definição possibilita, além da fixação do conceito, seu posicionamento no próprio sistema de conceitos. No âmbito do projeto [Committee on Conceptual and Terminological Analysis](#), Cocta, da Unesco, [Dahlberg](#) [1978 a] demonstra detalhadamente a adequação de sua Teoria do Conceito às Ciências Sociais. Riggs, que coordenava o projeto, propõe, seguindo sua Teoria, uma forma alternativa de apresentação de terminologia com sua Onomântica ([Riggs](#) 1989 A; 1989 B; 1996) e um dicionário Ana-semântico, tendo em vista as peculiaridades do termo nestas áreas. A classificação está presente em seu estudo, ao propor uma notação para determinar um arranjo sistemático para as definições/termos. A perspectiva onomântica, sublinha o autor, é crucial para o desenvolvimento da organização do conhecimento, porque se apóia na sistematização dos conceitos (e não em sua listagem); ela depende de e contribui para a classificação como base fundamental para a organização do conhecimento. Outro motivo para a ênfase na Onomântica é sua perspectiva temporal: “a Lexicografia (*a semântica*) é essencialmente retrospectiva: seu foco está nas palavras (*lexemas*) que já estão em uso, principalmente em contextos da linguagem comum. A Lexicografia especializada, continua ele, se interessa também e principalmente por termos que já fazem parte de vocabulários de especialistas em um campo. A Ana-semântica é voltada para o futuro: seu foco está nos campos emergentes do conhecimento em que novos conceitos estão lutando para serem reconhecidos.

As Figuras 1 e 2 a seguir, mostram, respectivamente, a) *uma lista sistemática de definições, encabeçadas pela notação e com termo como o último elemento*, e b) *a apresentação hierárquica dos termos, remetendo à notação*.

**Figura 1 - Lista sistemática das definições**



**Figura 2 - apresentação hierárquica**



Fonte: [Riggs](#), 1997

A experiência no projeto Cocta, *Committee on Conceptual and Terminological Analysis*, levou [Riggs](#) (1979) a uma reflexão sobre o Conceito e sua sistematização. Em primeiro lugar, estabelece relação entre lexicologia e conceptologia, por causa de sua interação recíproca. A Terminologia seria um campo de ligação ([Figura 3](#)) e isto levaria a três paradigmas terminológicos: a terminologia analítica, a terminologia sintética e a terminologia normativa ([Figura 4](#)): “A definição de ‘terminologia’ é simplesmente o estudo dos termos. Infelizmente, a palavra ‘termo’ tem tantos sentidos que é empregada ambigualmente e a própria palavra ‘terminologia’ é ela mesma usada muitas vezes para significar uma coleção de termos. Aqui, no entanto, ‘termo’ é usado como interface de um conceito: quando uma palavra significa um conceito, então é um ‘termo’, mas não o contrário. Inversamente, quando um nome é selecionado para um conceito, então ele é um ‘termo’. De modo correspondente, como um termo liga palavra e conceito, assim, a terminologia, como uma área de estudo, liga os campos relacionados de lexicologia e conceptologia. ... A abordagem analítica se assemelha à lexicologia; a abordagem normativa se funde com a conceptologia; mas o paradigma sintético estabelece forçosamente sua autonomia e oferece laços mais substanciais entre a lexicologia e a conceptologia.” ([Riggs](#) 1979, p. 593)



O paradigma normativo é revelado pelo uso dos termos “*standardization*” e “*normalization*”. De acordo com este paradigma, numa família de termos é necessário selecionar um deles para ser usado univocamente como “termo preferido” ou permitido, considerando os outros reprovados ou tolerados. A possibilidade de aplicar a terminologia normativa às Ciências Sociais é bastante limitada. Os cientistas sociais, no processo de denominação, parecem preferir termos já em uso, aos quais dão outro significado. Este modelo é causa de muito ruído na comunicação. (Riggs, 1979).

O Paradigma analítico ‘*se parece com a lexicografia, de modo que os dois métodos às vezes são confundidos, ou considerados gêmeos. É ilustrativo o fato de seções em Congressos de Linguistas nomearem seções como “Lexicologia, Lexicografia, Terminologia”, quando às vezes até mesmo questões terminológicas são discutidas num quadro linguístico.*’ Neste paradigma, vários itens de interesse para o lexicógrafo são irrelevantes para a terminologia, como propriedades estruturais ou gramaticais, etimologia, ortografia.

Quanto ao Paradigma sintético, o conteúdo básico de um glossário sintético é um conjunto de entradas definindo conceitos importantes empregados de forma distinta num dado domínio. As entradas num glossário baseado neste paradigma se constituem em “*entradas-conceitos*” e não “*entradas-termos*” e, por isso se justifica uma ordenação sistemática. Em torno destes paradigmas ele discute a questão da evocação, do *univocalismo*, da definição do termo, tanto do ponto de vista da Lexicografia como da Terminologia.<sup>8</sup> Tanto em relação a estes paradigmas quanto em relação à *Onomântica*, é preciso avaliar os aspectos que interessam à organização/recuperação da informação nas Ciências Básicas, nas Ciências Naturais e também nas Ciências Sociais, sobretudo quando o processamento computacional entra em jogo.

### **Terminologia na Organização da Informação**

Para a criação de instrumentos de controle terminológico voltados para a organização da informação em sistemas de recuperação de informação, a Teoria de Wüster tem aspectos que devem ser considerados. Ao adotar o conceito como unidade de organização da terminologia, Wüster introduz a noção de sistema de

conceitos na elaboração de terminologias, devendo-se ter em conta, porém, que esta noção não implica, segundo sua Teoria, numa sistematização global, mas apenas em relação a um conjunto de termos ligados semântica, lógica ou onticamente. Não se encontra em sua Teoria qualquer orientação para uma apresentação sistemática global, ou seja, dedicada a um dado domínio, como um todo.

Sua classificação de relações conceituais em lógica e ôntica é também um avanço quando se pensa na construção de instrumentos semânticos como tesouros. Ao incluir as relações ônticas na terminologia, ampliou a possibilidade de sistematização de conceitos que podem ser aproveitados para a produção de tesouros e taxonomias. Embora [Arntz e Picht](#) (1995) reestruturem aquela classificação em relações conceituais hierárquicas e não-hierárquicas, isto não significa alterar a proposta de Wüster, pois as únicas relações hierárquicas são as lógicas (isto é, abstratas); as demais seriam ônticas. Críticas à sua classificação parecem partir de outros princípios. Estudiosos da Terminologia de base linguística têm procurado ampliar as relações não-hierárquicas em especial as relações causais ([Nuopponen](#), 1994. [Cabré](#), 1996), no entanto, algumas delas, já estão de há muito, presentes em normas de elaboração de tesouros e terminologias<sup>9</sup>, que são consideradas ônticas por Wüster e Dahlberg (*relações funcionais*).

No levantamento dos termos para a elaboração de ferramentas para organização e recuperação de informações, o método proposto por Dahlberg parte do Universo de itens de referência de um dado domínio, em que se explicitam asserções verdadeiras (*definição*) acerca deste item, logo sua conceituação, para a seguir se chegar à síntese destas asserções que são representadas por signos. Este método permite “classificar” o referente em um dado sistema e desta forma identificar, igualmente, as variantes verbais denotadas para o respectivo conceito. A abordagem ana-semântica explicita o modelo da Dahlberg; que permite identificar todas as formas equivalentes em um dado domínio. Dito de outro modo, tem-se um formato invertido para a identificação dos conceitos e não dos lexemas: “*A informação sobre os conceitos não pode ser (tipicamente) arranjada alfabeticamente. A fim de apresentar a informação sobre os conceitos é necessário compreender como se relacionam entre em sistemas porque, significativamente, as características que identificam o conceito estão ligadas entre si – a fim de compreender qualquer conceito precisamos também ter ciência dos conceitos intimamente relacionados aos quais estão associados. Estar ciente dos sistemas de conceitos auxilia tanto a compreender estas relações como esclarece a entrada de cada conceito em um dado sistema de conceitos.*” ([Riggs](#), 1989 a).

Desta forma, no levantamento dos conceitos, por exemplo, quando se parte de procedimentos de indexação para a elaboração de linguagens documentárias, na verdade o que o indexador retira é a ideia contida em um texto. Esta ideia como um item de referência é que leva a um termo de indexação, que pode ser representado também por mais de uma forma verbal (*quando se apresentam as relações de equivalência*). Atualmente, o ruído que isto poderia acarretar é solucionado facilmente pela computação. A definição, portanto, não é somente um elemento para o entendimento do conceito: ela tem por finalidade posicionar o conceito em um sistema de conceitos.

Embora a natureza sistemática do conceito seja aceita na literatura, também não se encontram no âmbito da terminologia de vertente linguística indagações ou propostas a respeito da sistematização. Isto vamos encontrar no conhecido PMEST, Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo (*de Ranganathan, no desdobramento proposto pelo [Classification Research Group](#) ([Vickery](#) 1960; [Kandelaki](#) 1970 [1981])*) Ranganathan é o autor que explorou ao máximo a relação lógica e sua organização no interior de um sistema em seus Prolegomena, e a organização das classes em facetas e em categorias, fornecendo orientação para ordená-las em todos os níveis (*cadeias, renques, facetas*). Na Classificação facetada se encontram as bases para produção de classificações e taxonomias consistentes dos conceitos; mas ali não se encontram princípios para o estabelecimento dos termos; isto temos que buscar em outro campo.

Se a Terminologia tem o conceito e a sistematização em seu foco, a Terminologia de base linguística, mais precisamente a Lexicografia terminológica, com variada e rica contribuição, privilegia questões da língua, naturalmente, e apresentação alfabética. É uma área de estudos de grande importância para a tradução e o planejamento linguístico, mas desconsidera a sistemática, primordial tanto para a elaboração de ferramentas semânticas, como para indexação e a recuperação, em meio convencional ou não.

A questão agora que se coloca é, voltando à indagação inicial, qual Terminologia pode ser útil a atividade



documentária? Em primeiro lugar, precisamos decidir onde estamos e onde queremos chegar. Assim, não podemos perder de vista que a Lexicografia visa auxiliar leitores a interpretar textos, enquanto a Terminologia visa auxiliar autores e produzirem textos (Riggs 1989) e os documentalistas visam a organização/recuperação/ das informações contidas nos textos e demais meios de informação semântica em especial <sup>10</sup>.

Riggs considera terminologia e lexicografia como áreas complementares (Riggs, 1979; 1989) e acredita que cada campo pode se beneficiar do outro. Reconhece, no entanto, que os terminólogos têm familiaridade e usam a lexicografia, enquanto o inverso não é verdadeiro. O ruído existente para o entendimento das atividades nas duas áreas parece provir do fato que tanto uma área como outra usam por vezes o mesmo termo para designar o produto de suas atividades: terminologia, glossário e até mesmo dicionário. Seria mais interessante, propõe o autor, que os lexicógrafos nomeassem seu produto 'glossário léxico', uma vez que a ênfase recai nas palavras, enquanto a designação 'glossários conceituais' seria adotada pelos terminólogos porque têm o foco em conceitos definidos aos quais os termos são atribuídos.

Enquanto o produto dos lexicógrafos privilegia a ordem alfabética, na terminologia prefere-se a estrutura sistemática. Esta apresentação vai ao encontro dos *classificacionistas* cujo produto de sua atividade (*tabelas de classificação, tesouros, taxonomias*) tem seu uso pelos indexadores/buscadores facilitado ainda por apresentação alfabética, complementar. A ordenação sistemática permite que usuários encontrem termos - inclusive novos - mesmo que não saibam, de início, nomeá-los <sup>11</sup>. Esta observação é importante tanto para autores, em seu processo de escrita, como para indexadores/buscadores em serviços de recuperação de informação. Face às características das duas áreas básicas discutidas aqui, pode-se identificar melhor aquelas mais úteis à atividade de organização da informação.

### Considerações Finais

As observações a seguir valem em especial para *áreas hard*, sendo, a nosso juízo, necessários estudos que levem a princípios adequados às Humanidades e às Ciências Sociais. Para a organização de informação em áreas multifacetadas, as quais ainda não se configurem como um domínio do conhecimento, estudos precisam ser feitos no sentido de se desenvolver modelos adequados a tais especificidades.

O foco no termo como elemento de denotação do conceito foi, sem dúvida, uma introdução fundamental na atividade documentária, em especial propondo princípios para o relacionamento dos termos nos tesouros. A introdução da definição analítica torna evidentes os diversos relacionamentos possíveis entre o conceito e suas propriedades (*função, parte, material, por exemplo*). Num tesouro, inserida como um tipo de nota aplicação, ela é um recurso para estabelecer as fronteiras da intenção do conceito.

Manuais e tratados de elaboração de tesouros passam ao largo desta questão, isto é, não fornecem critérios objetivos ou princípios para o estabelecimento dos relacionamentos associativos, uma vez que também não levam em conta a necessidade da definição como explicação do conceito <sup>12</sup>. Em muitos casos, os manuais e normas sugerem abordagem linguística para o tratamento do termo, ao instituírem o conceito de fatoração morfológica (Aitchison, 2000; [British Standard 55723](#), 1987; [International Standard 2788](#), 1986).

Alguns princípios defendidos por Wüster e, digamos, aperfeiçoados por Dahlberg, são interessantes, portanto, para *áreas de conhecimento hard* e para a organização da informação em tais áreas processadas por computador. Sendo único, o termo que o denota gozaria do princípio da univocidade relativa. Princípio bastante discutido pode-se de alguma forma defendê-lo, porque a Terminologia se ocupa de campos específicos do conhecimento onde, dificilmente a homonímia ocorre; a experiência tem mostrado que, na maioria das vezes, um qualificador eliminaria a ambiguidade. Outro princípio, também discutido, é a produção de terminologias prescritivas. Do ponto de vista de sistemas de recuperação de informação que empregam ferramentas semânticas estruturadas, a prescrição, entendida em seu sentido comum, usual, se ajusta a serviços computadorizados, o que não significa que não se leve em consideração as variantes e que não haja necessidade de revisão permanente da terminologia, fato que não chega a ser tão crítico, porque alterações em conceitos devido ao avanço do conhecimento não ocorrem com tanta frequência e é de se esperar que acompanhamento e atualização estejam presentes em qualquer serviço de recuperação de informação.

É fato, ainda, a existência de uma ideologia subjacente ao entendimento de um dado conceito, mas a tendência atual de desenvolvimento de serviços voltados para uma clientela específica – característica das ontologias –, parece minimizar tal aspecto (*pelo menos nas áreas hard*). O verdadeiro problema que se apresenta, a nosso ver, seria o da interoperabilidade. Mas esta não é a preocupação de quem organiza informação, mas de quem quer aproveitar o esforço já realizado. Em relação a aqueles princípios, o que se pode almejar, portanto, é uma univocidade relativa no interior de um sistema especializado de recuperação e o desenvolvimento de modelos e respectivos software que contornem os aspectos linguísticos do termo a fim de que se alcance potencial ótimo de recuperação.

Para resolver a sistematização dos conceitos, observa-se a necessidade de uma ordem de citação – no caso de apresentação dos conceitos em um sistema de conceitos –, provocada pela possibilidade de consulta na tela do computador. Isto traz de volta, a questão da linearidade, ou seja, algum princípio precisa ser adotado para a apresentação do sistema de conceitos. Isto não significa, no entanto, abandonar a listagem alfabética, como uma das formas de navegação, o que atenderia a diferentes propósitos. A introdução da informática na atividade documentária é um dado a considerar em relação à contribuição das várias escolas, seja na classificação/indexação automática, seja através de taxonomias, tesouros ou ontologias; mas é preciso ter claramente o alvo a ser alcançado na atividade documentária para se apropriar adequadamente das várias escolas ou de segmentos delas, até que se consiga construir um modelo em bases sólidas apropriado à atividade documentária.

### **Notas:**

[1] A norma americana . ANSI/NISO Z39.19 - 2005 Guidelines for the Construction, Format, and Management of Monolingual Controlled Vocabularies. admite até mesmo adjetivos como termos...

[2] Nas classificações bibliográficas o termo é representado pela notação e, portanto, a discussão sobre a natureza verbal do termo não se apresenta.

[3] Atualmente ‘descriptor’ e ‘termo de indexação’ têm sido usados intercambiavelmente

[4] Lewis Carroll, Alice através do espelho. Belo horizonte: Autêntica, 2008. Num famoso diálogo, Humpty Dump arroga o direito de atribuir o sentido que quer a suas palavras.

[5] Cf <http://www.infoterm.info>

[6] Na última versão da referida Norma (2002) tal ausência permanece.

[7] Outras Escolas são citadas na literatura, como a Canadense, a do Centro Nórdico e a UMIST, mas nos debruçamos apenas e muito sucintamente, sobre as clássicas.

[8] Fica claro, neste contexto, que não se está referindo aqui à Lexicografia terminológica ou Terminologia lingüística.

[9] Uma das melhores normas de elaboração de tesouros é a BSI que propõe princípios para elaborar relações não-hierárquicas. Para terminologias, a ISO 704 oferece, igualmente, orientação para tais relações.

[10] Outros tipos de registro não-semânticos, como imagéticos e sonoros, podem eventualmente precisar de algum controle de vocabulário, mas para representações outras que não a semântica.

[11] Cf a Introdução de Roget’s Thesaurus a respeito da apresentação sistemática de sua obra

[12] Dahlberg explora com profundidade este aspecto. Ver referências bibliográficas.

### **Bibliografia**

AITCHISON, Jean; GILCHRIST, Alan; BAWDEN, David. (2000) Thesaurus construction and use: a practical manual. Taylor & Francis.

ARNTZ, Reiner & PICHT, Heribert (1995) Introducción a la terminología. Madrid, Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Madrid, Pirámide. 382p.

BRITISH STANDARD INSTITUTION – BS 5723-1987 - British standard guide to establishment and development of monolingual thesauri

CABRÉ, M. T.; MOREL, Jordi; TEBÉ, Carles (2000) Las relaciones conceptuales de tipo causal: um caso práctico. In Simposios de RITerm. México 1996.

CASTELLS, Manuel. (1999) A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra.

DAHLBERG, Ingetraut (1978a) A Referent-oriented analytical concept theory for Interconcept. International Classification, v. 5, n. 3, p. 142-150.

DAHLBERG, Ingetraut (1978 b) Ontical structures and universal classification. Bangalore: Sarada Ranganathan Endowment. 64 p.

DAHLBERG, Ingetraut ( 1983) Terminological definitions. In: Problèmes de la définition et de la synonymie en terminologie. Québec: GIRSTERM , p. 13-51.

DROZD, Lubomir. Zum Gegenstand und zur Methode der Terminologielehre. Muttersprache, v. 85, n. 2, p. 109-117, 1975

DROZD, Lubomir (1970) Some remarks on a linguistic theory of terminology. In: Theoretical and methodological problems of terminology. Proceedings of an international symposium. Moscow, nov. 27-30. p. 106-117.

FELBER, H. (1979) Theory of terminology work and terminology documentation. Fachsprache 1 (1/2), p. 20-32.

FELBER, H. (1984) Terminology manual. Paris, Unesco.

GILCHRIST, Alan (1971) The thesaurus in retrieval. London, ASLIB.

INTERNATIONAL STANDARD ORGANIZATION - ISO 2788-1986 - Guidelines for the establishment and development of monolingual thesauri.

KANDELAKI, T. I. (1970) Les sens des termes et les systèmes de sens des terminologies scientifiques et techniques. [1961] Versão francesa publicada em RONDEAU, G. & FELBER, F. (org.) Textes choisis de terminologie, Québec: GIRSTERM 1981, p. 135-184.

LOTTE, D.S.(1961) Principes d'établissement d'une terminologie scientifique et technique, [1961] Versão francesa publicada em RONDEAU, G. & FELBER, F. (org.) Textes choisis de terminologie, Québec: GIRSTERM 1981, p.3-53.

NEDOBITY, Wolfgang Freges Begriffsschrift aus terminologischer Sicht, In: GANTER, B.; WILLE, R.; WOLFF, K.E. [eds]. Beiträge zur Begriffsanalyse. Mannheim/Wien/Zürich: B.I.-Wissenschaftsverlag, 1987, p. 23-33 (INFOTERM 1-86)

NUOPPONEN, Anita (1994) Causal relations in terminological knowledge representation. Terminology Science and Research v.5, n.1 p. 36-44.

RANGANATHAN, S. R. Prolegomena to library classification. 3rd ed. Bombay, Asia publ., 1967.

RIGGS, Fred W. (1979) Terminology for the Social Sciences. In: Theoretical and methodological problems of terminology. Proceedings of an international symposium Moscow, nov. 27-30, p. 591-606.

RIGGS, Fred W. (1989 a) Information Science and Social Science: the need for onomastics. International Forum for Information and Documentation, v. 14, n.1, p. 12-21.

RIGGS, Fred W. (1989 b) Terminology and lexicography: their complementarity. International Journal of Lexicography v.2 n.2 p. 90-110.

RIGGS, Fred W. (1996) Onomastics and terminology. Knowledge organization 23: p. 25-33.

SIFOROV, V.I & KANDELAKI, T. L. (1979) The methodological aspects of terminological work (from the experience of the Committee of Scientific and Technical Terminology) In: "Theoretical and methodological problems of terminology. Proceedings of an International Symposium. Moscow, nov. 27-70., p. 49-58.

SMIT, Johanna W.; TÁLAMO, Maria de Fátima G. Moreira. (2007) Ciência da Informação: pensamento informacional e integração disciplinar. Brazilian Journal of Information Science, v.1, n.1, jan./jun.. Disponível em:

<http://www.bjis.unesp.br/pt/index.php>

SMITH, Barry; Ceusters, Werner; Temmerman, Rita (2005). Wüsteria. In: Proceedings of Medical Information, Europe 2005. Geneva; Studies in Health Technical Information, 116: 647-652.

SOERGEL, D. (1974) Indexing languages and thesauri: construction and maintenance. New York: Wiley.

VICKERY, B. C. (1960) Faceted classification : a guide to construction and use of practical schemes. London : ASLIB.

VICKERY, B. A. (1970) Informatics. Journal of Documention, v. 26, n.4, p. 340-369. (Em tradução brasileira na coletânea Ciência da Informação ou Informática ? Rio de Janeiro : Ed. Calunga, 1980, p.9-51)

WUSTER, E. (1974) L'étude scientifique générale de la terminologie, zone frontalière entre la linguistique, la logique, l'ontologie, L'informatique et les sciences des choses [1974]. Versão francesa em RONDEAU, G. & FELBER, F. (org.) Textes Choisis de Terminologie: I. Fondements théoriques de la terminologie. Québec: GIRSTERM, 1981. p. 57-114.

### **Sobre o autores / About the Authors:**

Hagar Espanha Gomes

[hagarespanhagomes@gmail.com](mailto:hagarespanhagomes@gmail.com)

Livre Docente, Universidade Federal Fluminense, UFF.

Maria Luiza de Almeida Campos

[maria.almeida@pq.cnpq.br](mailto:maria.almeida@pq.cnpq.br)

Doutora em Ciência da Informação. Professora na Universidade Federal Fluminense, Departamento de Ciência da Informação.

Ludmila dos Santos Guimarães

[lguimarães2007@gmail.com](mailto:lguimarães2007@gmail.com)

Doutoranda em Ciência da Informação